

REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA BRASILEIRA:
um estudo do conto “O Grande Passeio”, de Clarice Lispector

Josinaldo Pereira de Paula (UERN)

jnaldo@r7.com

Wellington Medeiros de Araújo (UERN)

wellington.medeiros69@hotmail.com

Resumo: O artigo “A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA BRASILEIRA: um estudo do conto “O Grande Passeio”, de Clarice Lispector tem como objetivo analisar como a velhice é representada na literatura, fazendo um recorte do conto “O Grande Passeio”, integrante da obra “Felicidade Clandestina” publicada em 1971. O conto, em sua unidade dramática (GOTLIB, 1985; CORTÁZAR, 1974), retrata a vida da personagem Mocinha (ou Margarida) que vivia no Maranhão, onde perdeu toda a sua família e referências pessoais. Indo morar na cidade do Rio de Janeiro, trazida por uma senhora que, logo em seguida a abandona, passa a depender da boa vontade de terceiros para poder subsistir enquanto não chega o seu fim. A mercê de uma memória fugidia, Mocinha incorpora os avessos do mito da feiticeira, figura feminina capaz de reverter em proveito próprio às artimanhas do destino. É o que ocorre com a personagem clariciana que, mesmo revisitando as histórias de encantação, depara-se com a barreira nua e crua da existência. Nesse sentido, faremos uma análise do referido conto a luz de BRUNEL (1998), SOUZA (2003), TEIXEIRA (2006), SOUZA, FREITAS e QUEIROZ (2007), procurando refletir acerca da representação da velhice que, como tempo de descanso e de reserva de memórias, mostra-se insubordinado em consequência de uma crise posta nos valores humanos ao ver o idoso não mais como sabedoria e memória, mas como ser obsoleto e descartável. Dessa forma, posto na modernidade, a figura mítica da sabedoria das grandes feiticeiras passa a ser lugar da perda da identidade.

Palavras-chave: conto, velhice, feiticeiras, Clarice Lispector.

Introdução

O descaso com a velhice tem sido objeto de discussão entre muitos estudiosos e defensores dos idosos, pois se observa em quase todas as partes do mundo que a velhice vem sendo tratada com descaso em aspectos físicos e sociais. Observa-se que o ser humano no seu período da velhice começa a ficar com limitações físicas, e com seu corpo sujeito a vários tipos de doenças. Assim o idoso muitas vezes fica sujeito ao descaso, pois as limitações o fazem sair do meio social e em muitos dos casos, este idoso começa a depender dos cuidados de outras pessoas. Dessa forma o idoso fica submetido à falta de respeito da sociedade, pois devido a sua utilidade ser limitada para um fim social capitalista, o idoso deixa de ser útil e passa a ser um peso social para aqueles que ainda são jovens.

Então quando o idoso não tem mais uma utilidade no meio social, ele passa a não ter mais escolhas e vontades próprias, e sim passa a viver as vontades e escolhas das pessoas do meio no qual ele faz parte, sejam parentes, filhos, amigos ou estranhos. Essa escolha do outro pode oferecer ao idoso uma velhice digna e saudável, mas também pode submetê-lo a maus tratos físicos, psicológicos, emocionais e financeiros ou todos ao mesmo tempo. Assim, a velhice, que deveria ser um momento de descanso e reservas de memórias, é na verdade um período de perda de identidade pessoal e social.

Nesta perspectiva o trabalho “A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA BRASILEIRA” tendo como estudo o conto “O Grande Passeio”, de Clarice Lispector, traz a discussão sobre o descaso com o idoso na sociedade contemporânea. A autora usa recursos dos contos próximos ao realismo e ilustra uma personagem idosa sem nenhum poder sobrenatural de mudar seu destino e assim vive dependendo de favores do seu próximo. Clarice Lispector traz uma personagem inserida em um conto com aspectos existencialistas, e que se depara com as barreiras nuas e cruas da realidade. A personagem clariceana incorpora, nesse sentido, o avesso do mito da feiticeira, personagem feminina que é capaz de reverter ao seu favor às artimanhas do destino. Assim faremos uma análise do referido conto tendo como referencial teórico GOTLIB, (1985), CORTÁZAR, (1974), BRUNEL (1998), SOUZA (2003), TEIXEIRA (2006), SOUZA, FREITAS e QUEIROZ (2007).

1. O Conto como Gênero literário

O conto é uma das formas de narrativas mais antigas, nascida mesmo antes da criação da escrita, passada de geração para geração através da tradição oral. Elas eram contadas no intuito apenas de entretenimento e se constituíam de relatos que não tinham compromisso com a verdade. Podiam ser fabulas fantásticas, histórias de amor e acontecimentos do cotidiano, que prendessem a atenção do interlocutor. Segundo GOTLIB (1985), esse gênero foi-se desenvolvendo até que assumiu a sua forma escrita e com o passar do tempo foram surgindo os escritores de contos. Assim o contador que apenas narrava histórias e acontecimentos, passou a ter a função de contador-criador-escritor, pois ele não só contava as histórias existentes, mas criava novas fábulas e as passavam para o papel, dando então um caráter literário ao conto.

Tanto o conto oral como o escrito é marcado por detalhes do contador, como gestos, insinuações, em geral o modo de contar sempre desempenham influências preciosas. Alguns desses aspectos também podem ser passados para o papel através da pontuação e expressões que são reproduzidas na escrita.

Na criação do conto alguns aspectos devem ser considerados. Esses decidirão o sucesso ou o fracasso do conto. Um dos grandes pioneiros que tentou teorizar esses aspectos do conto foi o escritor americano Edgar Allan Poe, pois “[...] a teoria de Poe sobre o conto recai no princípio de uma relação: entre a *extensão* do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou *efeito* que a leitura lhe causa [...]” GOTLIB (1985, p. 32). Ele afirma que o conto deve ser uma leitura curta que pode ser feita de uma única vez, e para que isso aconteça o contista tem o desafio de prender o leitor durante a leitura. O autor coloca que o conto deve ter um efeito único no leitor, algo que desde as primeiras linhas prenda a atenção a querer saber o final do conto, e que todas as colocações, descrições e acontecimentos devem contribuir para esse efeito de sentido único. Assim o conto não deve ser nem extenso demais nem breve demais para que não se torne impossível construir a unidade de efeito único. Em textos longos como ocorre no romance, não são feitos para serem lidos em uma *assentada só* e a pausa da leitura faz com que o interesse pela trama diminua, sendo essas interrupções o suficiente para destruir a verdadeira unidade, que é a de surpreender o leitor.

Poe afirma que no conto a verdadeira unidade é preservada, pois o contista consegue realizar seu intento, em uma hora de leitura, onde a alma do leitor fica sobre o controle do escritor.

Para Cortázar ocorre um mal entendido nas colocações do teórico, pois o conto não pode ficar preso a regras de construções. CORTÁZAR (1974, p. 151) apresenta uma distinção entre o conto e o romance, o conto é comparado a uma fotografia e o romance a um filme. O conto é tratado como fotografia, por capturar uma situação do cotidiano, num pequeno espaço de tempo, uma ação, com poucas unidades dramáticas. Podendo assim ser relatado em um conto até mesmo uma expressão de sentimentos da alma, os quais podem se dar em forma de sorriso, um momento de tristeza etc. O romance, como no filme, por ser apresentado em um espaço de tempo mais amplo, com várias unidades dramáticas e conflitos, tornando-se uma leitura mais longa. Ele ainda compara o contista com um bom boxeador e diz que o romance ganha por pontos, diferente do conto que ganha por *knock-out*.

Na escrita do conto, ainda segundo CORTÁZAR (1974), o que difere o bom do mau contista é aquele fazer seu conto ir além de um relato miserável do cotidiano, pois ele consegue fazer sua narrativa ser revestida de todo um significado em que ocorre uma explosão espiritual, fazendo o ser humano viver e sentir as situações descritas no papel.

2. Representação da velhice em “O grande passeio” de Clarice Lispector

“Eu envelhecerei”, esse parece ser o pensamento que se passa na mente das pessoas ao se encontrarem frente a situações em que precisem lidar com algum idoso. De acordo com SOUZA (2003, p.01).

A velhice do Outro se torna uma lembrança antecipada da própria velhice e o contato com a pessoa idosa abala as fantasias defensivas que são construídas como muralha contra a ideia de sua própria velhice. Por trás da necessidade obsessiva de acreditar na eterna juventude e rejeitar a face da velhice, encontra-se um certo desejo inconsciente de fugir à inexorabilidade das leis da natureza.

Assim o simples fato de conviver com o idoso se torna algo desconfortável à natureza humana, pois a lembrança contínua de que irá envelhecer faz o ser humano sentir a necessidade natural de realizar um afastamento do idoso, ou pelo menos do que ele representa. TEIXEIRA (2012) afirma que “É na perspectiva de que a morte é a

companheira inseparável da velhice que ela é temida”. Então, é possível que o descaso com o idoso, o abandono, os maus tratos estejam em parte relacionados com o abalo destas fantasias defensivas de se acreditar na sua eterna juventude conforme mencionadas acima por SOUZA. Este raciocínio explicaria como o ser humano é indiferente ao seu próximo quando ele está em idade avançada. Esta indiferença ocorre em todas as áreas, quando alguém se vê em uma situação que deve prestar alguma atenção ao idoso, seja uma ajuda financeira, psicológica, social etc. principalmente se houver a necessidade ou um pedido para acolhê-lo em sua casa. Quando o idoso é um familiar, ainda há um compromisso em cuidar, não se sabe que por amor, ou por obrigação. No entanto, na maior parte das situações, por mais que haja um grande vínculo familiar e o idoso seja pai, mãe etc., a responsabilidade é quase sempre jogada de um familiar para o outro alegando várias coisas, entre elas a falta de tempo. Sem mencionar quando é colocado em um asilo, fazendo visitas mensais com alguns descuidos de faltar algumas vezes. Percebe-se dessa forma que realmente existe uma necessidade no ser humano de não manter um convívio com um idoso.

O presenciar de situações, dores, limitações nos velhos ativa no ser jovem um sentimento aterrorizador de certeza que um dia ele também poderá passar pelas mesmas circunstâncias. Mas e quando esse idoso não é da família? Quando alguém velho está diante de você pedindo ou demonstrando que precisa de ajuda? Afinal, o idoso, esse estranho, é um ser humano igual a qualquer outro e é apenas questão de tempo para todos os seres humanos estarem naquela mesma situação, a velhice. Dependendo da ocasião, a pessoa pode refletir o seguinte: “*Nessa situação eu nunca ficarei*”, mas como se pode saber?

A escritora Clarice Lispector ilustra bem, em várias de suas histórias, a falta de consciência que o homem tem diante de uma situação em que lhe é proporcionada a oportunidade de exercitar valores simples, como solidariedade, amor ao seu semelhante, respeito à velhice. Assim quando colocado em uma ocasião que deva perder algo para que outro ganhe, mesmo que seja um simples teto, comida e banho, já faz o homem ativar a sua individualidade, o seu cuidado próprio, e a sua falta de vontade com o bem do outro.

A autora com maestria visita os contos em sua tradição, principalmente os de fadas, tornando-os insubordinados às leis da modernidade, fazendo seu leitor entrar em uma metamorfose que é costumeira ser apresentada no início daqueles contos. O “era uma vez...”, muito usado para situar o leitor que se trata de uma história fantástica, ou de um conto de fadas, é usado no começo de “O grande passeio” com a seguinte expressão: “Era uma velhinha sequinha (LISPECTOR 1998, p.29.)”. É de se esperar, nesta fábula, muitos acontecimentos impressionantes: lutas, magias e vitórias. No entanto, Clarice nos traz um conto com aspectos que ludibriam o fantástico, mas retratando do que realmente se reveste a realidade: uma velhinha que não se reveste de poderes fantásticos, como encontramos nas velhinhas dos contos de fadas, que na maior parte das vezes são feiticeiras que se opõem, com fórmulas mágicas e maldades, à protagonista, que tende a ser uma princesa jovem e linda. Em Clarice, pelo contrário, a velhinha é o inverso do mito da feiticeira, usualmente apresentada em contos de fadas.

Brunel (2005, p. 349) apresenta alguns aspectos do mito da feiticeira, afirmando que no seu leito de origem o “seu poder é total, ela preside vida e a morte, vela pelas colheitas, governa os elementos e também os homens nas sociedades de tipo matriarcal”. A personagem “Mocinha” se encontra em um conto que retrata o inverso do que seria seu papel naquela fábula. Mocinha é uma idosa sem nenhum poder mágico e sem nenhum governo sobre a vida, a morte ou sobre os elementos da natureza, e muito menos com alguma influência na sociedade. Esta personagem idosa e sem referencia

familiar se encontra em uma sociedade individualista e capitalista que usa as pessoas para sugar o seu potencial enquanto jovem e na sua velhice descartam-nas como se fossem um objeto. A personagem “Mocinha” ou “Margarida”, de Clarice nos proporciona um grande passeio sobre a nossa condição humana, de como o ser humano agiu, age e provavelmente agirá diante de várias situações em que tenha de abrir mão do seu completo bem-estar para proporcionar um pouco de dignidade ao seu próximo. Diante de tantas situações possíveis em que o ser humano é individualista, a autora ilustra umas delas através de Mocinha, inverso da velhice.

No enredo, notamos que a narrativa se dá em terceira pessoa e mostra a história de Mocinha ou Margarida, uma mulher que vivia no Maranhão e não teve sorte na vida, pois perdeu pai, mãe, marido e ainda não teve o privilégio de ser enterrada pelos seus dois filhos e sim teve que enterrá-los. Uma vida que lhes sobrou apenas chorar suas perdas e envelhecer sozinha, dependendo da boa vontade de estranhos. No entanto o que aconteceu foi que, ao envelhecer e ficar dependendo dos cuidados alheios, lhes apareceu “uma senhora muito boa” (LISPECTOR 1998, p.30.) que a trouxe para o Rio de Janeiro, aonde “pretendia interná-la num asilo, mas depois num pudera ser: a senhora viajou para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio” (LISPECTOR 1998, p.30). Podemos observar algumas questões sobre as boas intenções desta senhora. O texto afirma que Mocinha veio do Maranhão para o Rio, com uma boa senhora; isto denota gastos, ou seja, a senhora se preocupou em gastar para trazê-la ao Rio. Esta ação não é por caridade e sim pelo desejo que, de alguma forma, poder se livrar da idosa e passar a responsabilidade adiante. Sem sucesso, Mocinha é deixada sozinha no Rio de Janeiro. Percebe-se claramente o abandono de um idoso em uma cidade estranha com algum dinheiro que logo irá se acabar, e esta pobre velha ficará passando necessidades. Então que senhora muito boa é esta colocada pela autora? Uma bondade que é capaz de deixar um incapaz ficar sem destino e viajar com a consciência tranquila pelo simples fato de ter lhe dado algum dinheiro. A autora é irônica quando diz que se trata de uma boa senhora, e deixa sua ironia mais fina ainda quando enfatiza “uma senhora muito boa” (LISPECTOR 1998, p.30).

Percebe-se a irresponsabilidade da ação desta senhora, quando o texto traz a descrição do estado de Mocinha no Rio de Janeiro:

o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontrava-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembranças do berço. Lá estava uma nodoa amarela, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro. (LISPECTOR 1998, p.29).

Esta descrição deixa claro o retrato do abandono. Uma idosa que há muitos dias não toma nem mesmo um banho e nem troca uma roupa. Nota-se a imparcialidade das pessoas com a situação daquela pobre idosa, pois o texto diz que ela dormia em vários lugares, ou seja, por muito tempo não lhes foi proporcionado nenhum lugar fixo para ela viver, apenas pequenos favores. No decorrer da narrativa observamos que Mocinha encontra um teto para dormir. “Dormia agora, não se sabia por que motivo, no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo” (LISPECTOR 1998, p.30).

Aqui já se pode observar que a personagem Mocinha se caracteriza como o avesso do mito das feiticeiras, pois diferentemente do mito das feiticeiras, pois elas sempre têm os poderes para fazer magias e fórmulas para contribuir em melhorias no seu viver. “A feiticeira gosta de espaços livres; é onde ela faz sua ronda, onde comanda

o vento, a água, o fogo, e dialoga coma a terra, o mar e o céu” (BRUNEL 2005, p.350). Mocinha, porém, vive a realidade do abandono sem poderes mágicos e muito menos natural para reverter seu próprio destino.

O fato de Mocinha estar em uma casa grande, tendo onde dormir, não quer dizer que alguém chamou para si a responsabilidade de tratá-la com os cuidados devidos e merecidos que a sua idade necessitava. Pelo contrário, a sua estada naquela casa era como se ela fosse invisível e sua presença era notada apenas nos momentos em que de certa forma era incômoda. Pelo fato de estar em uma casa de uma família com boas condições financeiras, sempre estavam ocorrendo festas, visitas e nesses dias sim, sua presença era notada, mas não por alguém se condoer com aquela pobre senhora, mas sim por a idosa estar transitando suja pela casa e no meio dos convidados e assim tirar o brilho da festa.

Mais uma vez percebemos a individualidade humana e a falta de respeito ao idoso, pois “a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais” (LISPECTOR 1998, p.30). Mocinha era uma intrusa ali. Não havia responsabilidade nenhuma daquela família com aquela idosa. Nunca também houve uma preocupação em cuidar de forma digna daquela senhora, era apenas um teto e pronto. Percebe-se em certo ponto da narrativa que nem mesmo uma preocupação com a alimentação ocorria para com Mocinha:

mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardava secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva (LISPECTOR 1998, p.32).

Tendo o domínio sobre a terra, o céu e uma infinidade de feitiços, jamais uma feiticeira passaria esta tamanha fome que a personagem Mocinha passa neste conto. Logo as feiticeiras arrumariam sua panela gigante, jogariam alguns ingredientes e assim formariam algum alimento sobrenatural. Se Mocinha fosse uma das feiticeiras, como descritas no texto de BRUNEL (2005) e estivesse suja, logo ela faria chover e depois produziria uma ventania para enxugar suas roupas. No entanto o que ocorria era que o simples fato da sua presença naquele lugar fazia alguns de seus moradores se sentirem mal, “Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo” (LISPECTOR 1998, p.30-31). Mocinha incomodava sem motivo. O que parece mesmo é que a velhice incomoda o ser humano, e isto pode ser observado na narrativa que, talvez pelo fato de o simples olhar para uma pessoa idosa faz lembrar que se irá ficar velho também e que não pode fazer nada para impedir isso. A única forma de defesa humana é repudiar o seu próximo, mesmo que seja um familiar. Isso explicaria o abandono, desrespeito e maus tratos de idosos.

A idosa, no decorrer da narrativa, é considerada como um fardo, um objeto, inútil, imprestável, sem nenhuma utilidade, e que é vista apenas quando surge uma oportunidade de se livrar dela, como quando se faz aquela faxina em casa e as pessoas encontram alguns papéis e objetos sem utilidades e decidem jogar fora. Assim é a representação do idoso no decorrer desse conto. Toda a família, aceitando a presença daquela pobre mulher nas suas vidas, mantém o desejo de buscar alguma forma de se livrar dela, pois “logo que alguém cogitou de mandá-la morar em Petrópolis, na casa da cunhada alemã houve uma adesão mais animada do que uma velha poderia provocar” (LISPECTOR 1998, p.31).

Aquela família “precisava fazer uma faxina jogar aquele objeto fora”, precisava de alguma forma se livrar daquele peso social, pois segundo SOUZA, FREITAS,

QUEIROZ (2007, p.269) é assim que o Brasil tem tratado o idoso. Os autores afirmam que: “as violências contra a geração a partir dos 60 anos se expressam em tradicionais formas de discriminação, como o atributo que comumente lhes é impingido como *descartáveis e peso social* (grifo do autor)”. No entanto a consciência pesava e para tranquilizar a sua consciência, como fez a senhora do Maranhão, decidiram mandá-la na primeira oportunidade para a casa da cunhada. Apenas para passar o fardo adiante. Assim com a promessa de passeio e de mudança de vida a idosa Mocinha é iludida a aceitar a proposta: “A excitação do passeio prometido e a mudança de vida” (LISPECTOR 1998, p.31).

Mocinha já não tinha voz nem vez há muito tempo, sua identidade estava perdida e a sua vida só dependia da vontade dos outros. O seu querer e sentimentos já não importavam. SOUZA (2003, p04) afirma que “a ação exercida sobre o idoso visa a privá-lo parcialmente do direito de manifestar sua humanidade e da possibilidade de vivê-la livremente em sociedade”. O convívio e influência de Mocinha no meio social já não existiam, e muito menos o seu direito de manifestar a sua humanidade. Assim SOUZA (2003, p.03) afirma que:

Essa saída produz um rompimento com as instâncias formuladoras de sua condição de indivíduo, representando uma espécie de morte do sujeito social que ele é, tornando-o opaco diante dos outros indivíduos. Esse processo de liquidação do Outro, nesse caso o Outro velho, é operado por uma síntese artificial da alteridade que provoca o desaparecer da memória.

A exclusão da personagem Mocinha do meio social e a falta de possibilidade de viver em condições humanas, juntamente com as tantas tragédias, perdas, dores e humilhações, faz com que essa mulher também tenha uma memória perdida ou decida esquecer sua vida e refugiar suas lembranças no lugar mais fundo da sua alma, buscar acreditar que todas as tragédias da vida nunca lhes aconteceram, tentando a todo tempo viver um impossível espécie de recomeço em que viveria como se tudo a todo tempo estivesse bem. Tal fuga da realidade de Mocinha pode ser uma forma de refúgio, para não ser destruída pela dor de tantos acontecidos ruins na vida, misturados com a frieza humana diante a sua necessidade de ser ajudada enquanto idosa: “de repente aclaravam-lhe algumas ideias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no maranhão” (LISPECTOR 1998, p.31). “Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar.” (LISPECTOR 1998, p.31). A perda de seus familiares de forma trágica, ou a perda de todo o seu referencial familiar faz, segundo SOUZA (2003), com que este tempo de velhice seja um período de sofrimento.

Brunel (2005, p.351) afirma que “A feiticeira mora numa gruta, ou em algum refúgio da floresta, ou então numa casa pobre, escura e suja, onde ninguém penetra. Dessa maneira, sua intimidade e seus segredos ficam protegidos”. Percebe-se o poder que as feiticeiras têm de ter o controle sobre o seu destino. Ela mora na floresta, ninguém penetra na sua casa e seus segredos e intimidades são protegidos. No entanto não é o que ocorre com Mocinha, pelo contrário, seu destino não mais lhe pertence e sim ao outro. Assim, com todo poder de decisão, a família da grade casa do bairro Botafogo simplesmente decidiu que mais uma vez era certo mudar Mocinha do Rio de Janeiro para Petrópolis e assim foi. Sem nenhum aviso prévio, Mocinha foi encaminhada para outra família em Petrópolis, e por desavença familiar, a idosa nem mesmo foi entregue à família, e sim foi deixada em uma rua próxima a casa.

Olha, Mocinha, você entra por aquele beco e não há como errar: na casa de tijolo vermelho, você pergunta por Arnaldo, meu irmão, ouviu? Arnaldo. Diz que lá em casa você não podia mais ficar, diz que na casa de Arnaldo tem lugar e que você até pode vigiar um pouco o garoto, viu... (LISPECTOR 1998, p.34).

É neste lugar que temos o ápice do conto, o ápice do descaso com o idoso, pois nesta casa a personagem Mocinha acaba de chegar de uma viagem cansativa, com fome e na expectativa de ali morar, mas não é nem mesmo recebida pela família. O que seria um novo recomeço, uma nova moradia para a velha Mocinha, não passou de pequeno período de tempo cheio de desrespeito e falta de humanidade. Nesse pouco período de tempo que a personagem ficou nesta casa, ela teve que esperar o dono, pois ele não estava em casa. A fome de Mocinha fazia com que ela tivesse uma grande vontade de tomar no mínimo um café, “O cheiro de café dava-lhe vontade, e uma vertigem que escurecia a sala toda” (LISPECTOR 1998, p.35), mas nem mesmo um café lhes foi oferecido. Apesar de toda aquela família ter tomado o seu café da manhã na frente de Mocinha, não passou pela mente dos moradores daquela casa que aquela era uma senhora de idade, que precisava de uma atenção diferenciada, de comida, dormida, pois ela tinha passado uma noite toda de viagem.

Arnaldo não estava. Mocinha entrou na saleta onde a dona da casa, com um pano contra pó amarrado na cabeça, tomava café. Um menino louro - decerto aquele que Mocinha deveria vigiar - estava sentado diante de um prato de tomates e cebolas e comia sonolento, enquanto as pernas brancas e sardentas balançavam-se sob a mesa. A alemã encheu-lhe o prato de mingau de aveia, empurrou-lhe na mesa pão torrado com manteiga. As moscas zuniam. (LISPECTOR 1998, p.34).

A preocupação das pessoas que lhes atenderam era em esperar o dono da casa, o personagem Arnaldo, para, só assim, verem o que se podia fazer com aquela situação que para eles era um inconveniente. “Preciso antes tomar café, disse-lhe. Depois que meu marido chegar, veremos o que se pode fazer” (LISPECTOR 1998, p.35). Toda a preocupação que se poderia pensar em ter de respeito ao idoso foi transformada em ira com os familiares que tinham mandado um idoso para eles sem nem mesmo avisarem: “não acreditara na história da recomendação da cunhada, embora ‘de lá’ tudo fosse de se esperar”. (LISPECTOR 1998, p.34). Enfim o personagem Arnaldo chega e a sua indignação com a situação fala mais alto, e a estada de Mocinha naquela casa começa a ficar cada vez mais curta. “Não pode ser não, aqui não tem lugar não” (LISPECTOR 1998, p.36). De forma rápida e com muita indiferença, o destino de Mocinha é decidido mais uma vez pelas mãos dos outros. O personagem Arnaldo, sem pensar duas vezes, dá o dinheiro para a idosa e a manda de volta. Não há uma reflexão sobre se Mocinha saberá voltar, se ela está em condição de sair devido a sua idade. O que realmente ocorre é que nem mesmo um café foi oferecido à pobre velha. A única coisa com que Mocinha saiu daquela casa foi com algum dinheiro que, provavelmente, desorientada, ela não saberia nem o que fazer com ele. A ira do personagem Arnaldo explode e ele manda o seguinte recado para a sua família no Rio de Janeiro: “volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu? aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu!” (LISPECTOR 1998, p.36). A prova que a personagem Mocinha já não tem mais consciência do que se passa ao seu redor está explícita na sua fala ao sair da casa de Arnaldo, pois depois de todo o descaso desta família com a sua pessoa, ao sair, ela diz: “Obrigada, Deus lhe ajude” (LISPECTOR

1998, p.37). Mocinha, ao sair da casa, finalmente e por alguns instantes talvez se encontrasse fora do alcance das mãos do seu próximo. Ela que, por muito tempo teve seu destino preso pelo seu semelhante, e sendo sempre tratada como objeto, não queria voltar agora para entregar suas vontades e o seu destino mais uma vez à vontade do outro. Assim a idosa precisava viver um momento de liberdade e, de alguma forma, buscar fazer com que essa liberdade dure. O descaso com ela já tinha lhe deixado cansada. E ela, sem nenhum poder, vivendo em um mundo contemporâneo de uma realidade onde não há encantos e reviravoltas fantásticas do destino para lhe proporcionar um final feliz, “então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu” (LISPECTOR 1998, p.38).

Considerações Finais

O conto ao qual acabamos de analisar discute sobre o tratamento que a humanidade tem oferecido ao idoso. Discutiu-se essa que, infelizmente, o tempo passa e não deixa de ser atual. No decorrer da História já ocorreram muitas conquistas em relação ao tratamento do idoso, por exemplo, o estatuto do idoso que foi aprovado em setembro de 2003, garantindo saúde, lazer, cultura e punições previstas por lei para violência e abandono. No entanto o que está no papel na maioria das vezes não é aplicado na prática, e assim não só no Brasil, mas em todo mundo pode-se encontrar muitas “Mocinhas” em situações de descaso, abandono, e maus tratos.

A análise demonstra o quanto o ser humano é individualista, incapaz de se doar a necessidade do seu semelhante, tendo em vista apenas o seu bem-estar, sendo capaz de submeter um ser humano a condições desumanas apenas para que este não seja um obstáculo na sua vida social. Procuramos mostrar ainda que a personagem Mocinha é uma idosa considerada descartável pelas pessoas que a cercam e, dessa forma, ela não tem nenhum poder em influenciar seu destino, pois todas as escolhas relacionadas a ela são tomadas pelos outros sem nem mesmo sua vontade ser consultada. Assim concluímos que os aspectos da representação do real investidos por Clarice Lispector neste conto expõem uma personagem que é o avesso das personagens encontradas nos contos de magia. No artigo exposto constatamos que a personagem feminina Mocinha se reveste como o avesso do mito das feiticeiras, pois as feiticeiras estão incluídas em histórias fantásticas e são temidas e possuidoras do seu próprio destino, o que não ocorre com a protagonista clariceana que não é capaz de decidir seu destino, pelo contrário, vive a padecer de uma realidade individualista em um mundo onde as pessoas apenas se importam apenas consigo mesmas.

Conclui-se que o idoso, por mais que seja visto naturalmente pelo ser humano em uma perspectiva de aversão, pelo fato de a velhice estar assimilada ao fim, e que o contato com o idoso o faz lembrar-se da sua própria velhice e conseqüentemente da ideia incontestável que ele um dia também terá um fim. Isto não pode refletir na qualidade da velhice oferecida a esse idoso, pois ele deve ser tratado com respeito e dignidade. Afinal, o fato de se estar velho não é sinal de inutilidade, pelo contrário, a velhice demonstra que aquele ser humano já deu a sua contribuição na construção da sociedade e do mundo de forma geral. Assim ele merece um fim digno de respeito e feliz.

Referencias Bibliográficas

BRUNEL, Pierre. As Feiticeiras. In: *Dicionário de Mitos literários*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, pp. 348-361.

CORTAZAR, Júlio. “alguns aspectos do conto” In: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.147-163.

GOTLIB, Nádía Battela, *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

SOUZA, Jacy Aurélia Vieira de. FREITAS, Maria Célia de. QUEIROZ, Terezinha Almeida de. *Violência contra os idosos: análise documental*. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília 2007.

SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. *Asilo para idosos: o lugar da face rejeitada*. Belém, 2003.

TEIXEIRA, Neiza. A Velhice é a prova de que o inferno existe: será assim (!?) Disponível em: http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=1116 . Acesso às 17h em 06 Ago 2012.